

QUE ESPAÇO PARA A FILOSOFIA DA TÉCNICA NA ANÁLISE DO TRABALHO?¹

What is the role of Philosophy of the Technique in the analysis of work?

RUFINO, Adriano ²

RESUMO

O presente artigo analisa, em geral, o lugar da Filosofia no debate das questões da vida social, político-econômica a partir de Moçambique atual e, de maneira específica, problematiza a intervenção da Filosofia na análise do trabalho, visto aqui como condição para a transformação da sociedade. Dessa forma, o artigo critica o classicismo que confina a Filosofia à simples contemplação da realidade e, fazendo intervir a perspectiva epistemológica, sugere a inclusão problemática do conceito de *técnica* nos debates epistemológico-filosóficos; a *perspectiva ergológica* é vista como base dos processos de transformação social.

Palavras-chave: Técnica; Atividade; Ergologia; Epistemologia.

ABSTRACT

This paper analyses the role of Philosophy in debates about social and economic issues of current Mozambique. It examines, in particular, the role of Philosophy in the analysis of work. In this paper, the analysis of work is conceived as a condition for transforming society. The paper criticizes the classicism tendency, which restricts Philosophy to a simple contemplation of reality and, by adopting the epistemological approach, it calls for the inclusion of the concept of technique within the epistemological-philosophical debates. The ergological perspective is, then, considered the basis for the process of social transformation.

Keywords: Technique; Activity; Ergology; Epistemology.

¹ Artigo proposto no âmbito da defesa da tese de doutoramento em Filosofia, sob o tema "Cultures et Technologies de l'Information et de la Communication (Quelle approche du paradigme du développement?): Réflexion à partir du cas mozambicain" - Universidade de Aix-Marseille 1 (12.02.2011).

² Professor na Universidade São Tomás de Moçambique. E-mail: rufinoadriano@yahoo.fr.

INTRODUÇÃO

É comum conceber a Filosofia como uma disciplina *sui generis*, uma postura específica diante da realidade, uma maneira original de compreender a realidade caracterizada sobretudo pela insatisfação permanente diante dos dados presentes, fato que faz com que a procura constante, para desvendar o que nos rodeia, seja a característica mais notável da própria Filosofia. Ora, esse inconformismo intelectual, que acompanha todo o percurso evolutivo do pensamento, caracteriza a natureza humana, diferencia o homem dos outros seres, pois este não se deixa determinar unicamente pelo meio biológico em que vive, mas intervém nele, inventa-o, forja-o conforme as suas necessidades e especificidades existenciais.

Com efeito, diversos estudos, com destaque para a perspectiva filogenética do conhecimento, têm explicado, por exemplo, que a evolução da constituição morfológica e funcional do homem é concomitante ao desenvolvimento das suas capacidades cognitivas (memória, linguagem e pensamento) de tal forma que, só assim, é possível compreender o desenvolvimento das suas capacidades técnicas. Compreendida nessa perspectiva, a técnica é, até certo ponto, um elemento integrante da somaticidade do próprio homem, no sentido que o *fazer* entra numa cumplicidade existencial com o ato de *conhecer* e, mais extensivamente, com o próprio *ser* do homem.

Como consequência, todo o conjunto de pressupostos básicos aqui invocados acaba legitimando a pertinência da análise do *trabalho*, com o intuito de clarificar o lugar que este ocupa na vida social, política e econômica; de tal forma que um questionamento filosófico sobre a técnica possa ser um exercício, igualmente legítimo, para fornecer elementos ou dados para a afirmação da universalidade da própria técnica, que não ignora as suas especificidades, de acordo com as diversidades dos povos.

DO ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DESTA “CUMPLICIDADE EXISTENCIAL”

No seu livro, *Cultures et techniques*, o filósofo comoriano Abdalah Nouroudine sublinha que se existe uma ideia que cria unanimidade na questão das técnicas, tal tem a ver com a afirmação da sua anterioridade cronológica em relação à ciência. Segundo Nouroudine (2001, p.167), «uma vez que não é da ciência que a técnica recebe as regras que ela mesma segue, e dado que estas regras não lhe caem do céu, devemos admitir uma origem autónoma da técnica, portanto, a existência dum pensamento técnico, pensamento prático, essencialmente diferente do pensamento teórico da ciência».

Com efeito, a não separação conceitual da ciência e da técnica tem uma explicação: segundo Morin (1984, p.61), “foi o caráter de choque, conflituoso, de alguma forma turbulento da história Ocidental que permitiu o desenvolvimento conjunto e correlativo da ciência e da técnica [...]”. Como consequência, a atenção para com o pensamento técnico não é uma constante nos debates epistemológicos, sobretudo nos da tradição anglo-saxónica, que veem a Epistemologia como uma simples réplica da Teoria do Conhecimento.

Ousamos, por isso, afirmar que, historicamente, é sobretudo a *tradição francófona* que se preocupa pela *pragmática* do pensamento técnico, ao ponto de lhe conferir um estatuto epistemológico específico. E, nessa ótica, certas obras são, em si, uma chamada de atenção para o pensamento técnico. Assim, *La Science et l'hypothèse* de H. Poincaré defende, entre outros aspectos, que a “demonstração” de Leibniz, na prática, é uma *verificação*, onde nos limitamos a aproximar uma definição à outra, de forma puramente convencional, constatando sua identidade, sem, contudo, aprendermos nada de novo; paralelamente, em *La formation de l'esprit Scientifique*, G. Bachelard defende, entre outros aspectos, que na ciência (nesse misto indissociável de teorias e observações) passamos de uma fase em que a maior parte dos fenômenos, longe de serem naturalmente dados ao observador, são artificialmente construídos em laboratórios.

Para tanto, a obra *Philosophie des Sciences, Philosophie des Techniques* de Gilbert Hortois, membro do “Collège de France”, vem restabelecer uma espécie de justiça conceitual à noção de “*tecnoscience*” (tecnociência), uma noção propícia para designar a ciência contemporânea.

Ora, na época contemporânea, face aos debates epistemológicos sobre a modernidade, a pós-modernidade e transmodernidade, Hortois lega-nos uma inquietação desafiante na problemática: «por um lado, o essencial da filosofia da técnica é desenvolvido diante da indiferença ou ignorância dos filósofos das ciências; por outro, a ausência de comunicação entre os filósofos das ciências e os das técnicas é um tema raramente analisado pelos filósofos» (HOTTOIS, 2004, p.13).

Tudo indica que uma “justa” reflexão sobre a técnica não deve se encontrar dispersa nas diversas reflexões sobre a ciência. A técnica, mesmo no seu estado aperfeiçoado (tecnologia), exige uma clarificação especificamente filosófica, pelas razões anteriormente invocadas, mas também porque ela nos remete à questão da análise do trabalho, um corolário a clarificar sempre, nas situações diversas e adversas, se é verdade que a partir dessa *cumplicidade* dos *atos de fazer, de conhecer, e de agir*, introduzimo-nos nos problemas verdadeiramente humanos.

Parece-nos, enfim, que conceber tais atos (*de fazer, de conhecer, e de agir*) numa dimensão de complexidade existencial (universal) conduz-nos à problemática de justificação e legitimação das complexidades existenciais (portanto, particulares).

EXIGÊNCIA PARA COM “A TÉCNICA”: “AS TÉCNICAS”

Dos debates conceituais entre “a técnica” e “as técnicas” escondem-se, evidentemente, as ambivalências, sempre a tomar em conta, entre “o universal” e “o particular”; “o global” e “o local”... nas quais assenta um compromisso filosófico que não se limita apenas a reivindicar um posicionamento, mas obriga a um engajamento. Mas aceitar tal acepção implica, antes de mais, revolucionar o próprio pensamento filosófico e tomar partido do “*poder da Filosofia*”, contra sua clássica visão puramente contemplativa.

Com efeito, no seu livro intitulado *Le Paradigme Ergologique ou un métier du Philosophe*, Y. Schwartz trata as ambivalências anteriormente referenciadas sugerindo que o Filósofo deve ser vigilante para descobrir as *lógicas escondidas* na singularidade dos povos. E, nesta ótica, o discurso sobre «as técnicas» pode ser uma das “entradas” privilegiadas não apenas para a sua própria legitimação, mas também para a sua confrontação enigmática com o que, genericamente, designamos “trabalho” (fato que nos conduz a uma consideração historicista da própria atividade humana).

As técnicas, nesse sentido, estão ligadas ao que Schwartz chama *atividade industriosa* do homem e, como tal, esta é extensiva a todos os homens, ao mesmo tempo que a compreendemos em espaços humanos historicamente constituídos, num debate constante entre valores e normas.

Graças a essa característica, na noção de *atividade industriosa* deve ser universalizada a ideia da impossibilidade da antecipação da própria atividade humana que é, por isso, sempre um acontecimento do “*aqui e agora*” (esse “*hic et nunc*” que somente encontra sentido numa consideração historicista).

Nesse sentido, segundo Schwartz, tal processo que ele denomina “*démarche ergologique*” implica necessariamente a Filosofia que, historicamente, depois de F. Nietzsche, *deixou* de ser uma reflexão sobre o *homem* para passar a ser uma reflexão sobre os *homens*, isto é, historicamente localizados e em circunstâncias evidentemente heterogêneas.

Com efeito, os escritos de Schwartz orientam-se na perspectiva de uma fundamentação filosófica da atividade humana e os aspectos da “técnica”, “trabalho” são recorrentes; numa clara demonstração de que o filósofo *também* deve se comprometer com os problemas do seu meio. Aliás, essa lição nos vem de Sócrates que, nas suas frequentes visitas aos artesãos (com o intuito de saber se *eles* eram mais sábios que ele), acabou por se espantar pelo número de saberes que ele mesmo (Sócrates) ignorava, tendo-lhes conferido, então, o título de *sábios*. Paralelamente, sob um prisma evidentemente “novo”, o filósofo de hoje é, igualmente, convidado a fazer um semelhante exercício.

Não se trata aqui de levantar apenas o velho antagonismo entre a *epistémé* e a *techné*, mas, igualmente, de lhes questionar os limites, à semelhança do criticismo kantiano que se dá a missão de problematizar a ciência (WAGNER, 2002, p.349).

O discurso sobre as “técnicas” acaba se transformando, assim, num projeto cuja tentativa de homogeneização não pode deixar de ser polêmica. Tal discurso torna-se, finalmente, um instrumento indispensável para pensar na universalidade humana e na singularidade dos povos, para retomar a ideia de Schwartz; contudo, uma postura que reclama sempre ações diversas para a emancipação dessas mesmas singularidades.

CONTRA A RIGIDEZ DE “MODELOS”

A questão dos “modelos de técnicas”, extensivamente assumidos, na prática, como “modelos de trabalho”, é particularmente discutível em áreas como

Gestão de Recursos Humanos, Gestão e Organização do Trabalho, Ensino e Aprendizagem, entre outras, nas quais o *saber* e o *saber-fazer* são normalmente “encomendados”, pretendendo-se válidos em todas as circunstâncias e lugares.

Assim, a tomada em conta “das técnicas”, no sentido ergológico, é uma posição que põe em evidência a necessidade de conhecer a realidade das singularidades, para uma melhor intervenção transformadora, face à visão uniforme da realidade que os “modelos” impõem. Com efeito, as “técnicas”, como *maneiras de fazer*, são singulares e, conceitualmente, diferem da técnica.

Os discursos historicamente localizados, tais como “alienação”, “ideologia” etc., denotam, nessas ações adjacentes, que não tomam em conta as singularidades, enquanto espaços de trabalho “esperando reconhecimento” (CUNHA; LAUDARES, 2009, p.50).

Tudo indica que a *nossa* postura filosófica deve-se circunscrever nos problemas verdadeiramente humanos, se estivermos de acordo que a Filosofia diz respeito ao homem nas suas diversas circunstâncias.

Com efeito, a rigidez de “modelos” faz pensar que, em geral, apenas existe *uma* História humana; mas aceitar isso de forma acrítica, como diz Ngoenha,

significa não apenas negar nossa alteridade, mas também aceitar a pretensão de Voltaire e do Iluminismo segundo a qual existe uma única maneira de ser homem que se traduz na produção da civilização como processo racional (NGOENHA, 1992, p. 21).

O debate nessa perspectiva não se revela fácil, pois na difusão desses “modelos” concorrem fatores diversos: econômicos, políticos, ideológicos, etc.; e as soluções para a resistência a “modelos” globalizados não podem ser encontradas senão de forma “local”.

Evidentemente, existe aqui um papel determinante do que designamos, nessa intervenção, “filosofia da técnica”, se a intenção for de inculcar o trabalho como fator de transformação social; contudo, a Filosofia não pode esgotar as exigências a este nível; ela deve-se apoiar na perspectiva ergológica, isto é, de (re)conhecimento dos meios para a sua transformação, na qual a visão pluridisciplinar para a análise das situações do trabalho é o eixo orientador.

REPENSAR NA “ATIVIDADE INDUSTRIOSA”

Falar do trabalho implica, na perspectiva ergológica, repensar na pertinência da “atividade industriosa”, tal “engenhosidade” que diferencia/singulariza o trabalho de um indivíduo em relação ao do outro.

Com efeito, uma tal visão do trabalho não se compadece com a imediatez que o associa ao benefício ou ao lucro. A objetividade face ao trabalho, nas palavras próprias de Y. Schwartz, exige que possamos nos distanciar “das necessidades e dos problemas imemoriais que a humanidade se colocou através da produção social” (SCHWARTZ, 1992, p.45), pois, ao contrário, “o sujeito não faria mais que *reagir face ao trabalho* sem, contudo, sentir-se

convocado por ele, como momento de sua história” (SCHWARTZ, 1992, p.45).

Superada, portanto, a homogeneização do indivíduo, resta o desafio da legitimação das próprias singularidades.

Evidentemente, a perspectiva de que o sujeito busca naturalmente (e sobretudo) a sua própria realização pessoal no trabalho é, no nosso ponto de vista, uma postura que pode revolucionar os debates sobre o trabalho *versus* técnicas. Tal posicionamento não será isento de controvérsias, bem vistas as peripécias históricas do próprio trabalho, ora associado à escravatura, ora à luta pela sobrevivência, em geral, peripécias que invocam mais o ócio como via para a autorrealização. Contudo, parece evidente que tais peripécias estão mais na ala da “reação ao trabalho” e não propriamente no sentido filosófico do homem que sente no trabalho um momento de sua própria autoafirmação existencial.

Nesse sentido, a noção de “atividade industriosa”, denotando que o ser humano “doa-se”, “dá o melhor de si” no trabalho, não só apela à consideração da originalidade de cada “produto” como também chama atenção aos “condicionalismos em sentido positivo”, isto é, ao conjunto de valores assumidos pelo indivíduo que acaba confundido nas “engenhosidades”.

Com efeito, se existe algo negligenciável na globalização dos “modelos” (de organização do trabalho, gestão, etc. como referimos anteriormente) tem a ver com a improbabilidade deles se deixarem instruir face a novas circunstâncias e lugares.

A “atividade industriosa”, uma vez que apresenta o homem no trabalho como um sujeito que está numa tensão constante entre a “norma” e suas capacidades de “renormalizá-la”, entre o que lhe é “*prescrito*” e o que deve “*realizar na prática*”, acaba incorporando, segundo Schwartz, as “dramáticas do uso de si”, nas quais a tensão bascula permanentemente entre “o uso de si para si” e “o uso de si para os outros” (SCHWARTZ, 2000, p.2).

Toda essa riqueza conceitual, que aparece como corolário da noção da “atividade industriosa”, remete-nos a uma reavaliação da noção de “técnicas”, questionando-lhes os fundamentos; mas, igualmente, obriga-nos a legitimar as “técnicas” na sua ação transformadora dos meios onde nascem, são aperfeiçoadas e, finalmente, são aplicadas.

CONCLUSÃO

Chegando ao fim desta reflexão, a questão em análise não se apresenta como de fácil desfecho, pois a nossa consciência é de termos levantado algumas inquietações para um debate que pretendemos ver, sobretudo nas instituições onde a Filosofia permanece ancorada ao classicismo, sem serem incluídos os problemas da vida do dia-a-dia. A ideia de que à Filosofia cabe a *contemplação* e às outras áreas do saber a *ação* tem sido superada face aos problemas que o homem se coloca em cada etapa de civilização. Por isso, julgamos que nos círculos filosóficos, nos quais os debates sobre a ciência

esgotam toda a epistemologia, o conceito de *tecnociência* interpela a todos para o alargamento das *nossas* tradições de formação filosófico-epistemológica.

Ora, a “entrada” pela questão do *trabalho*, nesse debate epistemológico que se pretende mais atual, pode ser, como tentamos evidenciar, um meio pelo qual a questão de uma filosofia da técnica pode ganhar consistência conceitual. Mas uma vez que a análise do trabalho na perspectiva ergológica, como tentamos demonstrar nesta intervenção, nos introduz aos problemas verdadeiramente humanos, julgamos que somente através de debates pluridisciplinares é possível ir clarificando as mútuas solicitações entre o “trabalho” e a “técnica”; somente tal engajamento pode perspectivar diretrizes na visão do “trabalho” como condição para a transformação das sociedades.

REFERÊNCIAS

- ADRIANO, Rufino. A Ergologia como suporte de pesquisa. **COGITO**, ISSN 2218-8320, CI- USTM, Maputo, 2010.
- BACHELARD, Gaston. **La philosophie du non**. Paris: éd. Presses Universitaires de France, 1940.
- CUNHA, D. M.; LAUDARES, J. B. **Trabalho**. Diálogos Multidisciplinares. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- HOTTOIS, Gilbert. **Philosophie des Sciences, Philosophie des Techniques**. Paris: Ed. Odile Jacob, 2004.
- MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Portugal: Ed. Publicações Europa-América, 1984.
- NGOENHA, Severino Elias. **Por uma dimensão Moçambicana da Consciência histórica**. Porto: Ed. Salesianas, 1992.
- NOUROUDINE, A. **Techniques et cultures**. Comment s'approprié-t-on des technologies transférées? 2. ed. Toulouse: Octarès Éditions, 2001.
- SCHWARTZ, Yves. **Alain Wisner et l'Anthropotechnologie: universalité humaine et singularité des peuples**. Aix-en-Provence: Université de Provence, 2004 (mimeo).
- SCHWARTZ, Yves. **Travail et Philosophie, Convocations mutuelles**. Toulouse: Octarès Éditions, 1992.
- SCHWARTZ, Yves. **Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe**. Toulouse: Octarès Éditions, 2000.
- SÉRIS, Jean-Pierre. **Machine et communication**. Paris: éd. Librairie Philosophique J. Vrin, 1987.
- VATIN, François. **Le travail**. Economie et physique. Paris : éd. Presses Universitaires de France, 1993.
- WAGNER, P. **Les Philosophes et la Science**. Paris: Ed. Gallimard, 2002.